O COLÉGIO MILITAR DE SANTA MARIA COMO ESPAÇO DE TRÂNSITOS: UNIVERSOS VISUAIS DA *ESPERA*

Simone Marostega / Doutoranda PPGE – UFSM

Leonardo Charréu / UFSM

RESUMO
Nesta proposta abordamos um fenômeno específico que afeta um sistema de ensino singular no Brasil: os deslocamentos territoriais e os trânsitos vivenciados e compartilhados pelos alunos do Colégio Militar de Santa Maria (SCMB). Teremos como referência as experiências vividas por esses estudantes, para então, a partir dessas experiências entrecruzadas, esboçar prováveis novos mapas e territorialidades. Conceitualmente, pensamos os deslocamentos, os *não lugares* (AUGÉ, 2012), os *territórios da espera* (VIDAL; MUSSET, 2011), como possibilidade de mudança e subjetivação. Tal posicionamento teórico permite-nos re(pensar) os eventos visuais[1] como disparadores, potencializadores de universos visuais/pedagógicos, e compreender como se revelam nesses percursos e como isso afeta a vida destes estudantes.

PALAVRAS-CHAVE
ensino em instituição militar; territórios da espera; trânsitos; visualidades; experiência.

ABSTRACT
In this proposal we address to a specific phenomenon that affects a unique educational system in Brazil: the territorial displacements and transits lived and shared by students of the Military School of Santa Maria (SCMB). We consider as reference the experiences lived by the students so that, through the crisscrossing of these experiences, we can sketch probable new maps and territorialities. Conceptually, we think these displacements, the *non place* (AUGÉ, 2012), the *territories of waiting* (VIDAL; MUSSET, 2011), as the possibility of change and subjectivation. Such theoretical position allows us to re(think) visual events as triggers, potentiators of visual/educational universes and understand how they reveal themselves in these pathways and how it affects the lives of these students.

KEYWORDS
education in military institution; territories of waiting; transits; visualities; experience.

Cada vez mais, percebemos que os fenômenos de mobilidade e deslocamento se afirmam como características incontornáveis das nossas sociedades contemporâneas. Longe de serem fluidos, homogêneos ou lineares, estes deslocamentos são pontuados por origens ou motivações diversas, em territórios de trânsitos provisórios.

Hoje presenciamos e compartilhamos vivências ligadas ao efêmero, ao transitório. No entanto, tais manifestações, nos impõem desafios, pois devemos estar em estado de alerta: a qualquer instante, e em qualquer lugar, estaremos expostos a tais experiências, provocando nosso lado sensível e inteligível à esses (por vezes, *estranhos) territórios,* onde parece operar uma *estranha* inversão da ordem das coisas: não somos nós que os ocupamos, são eles que são invasores dos nossos "eus".

Num sentido mais amplo, para Rolnik (2006), a noção de território ultrapassa a etologia e a etnologia, pois é sinônimo de apropriação, de subjetivação; é o conjunto de projetos e representações, implicando toda uma série de comportamentos e investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. Os homens se organizam segundo territórios que os delimitam ao passo que os articulam; termo que pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema no qual um sujeito se sente "em casa".

Uma cartografia territorial delineada, onde se configuram e são reconfigurados, desterritorializadas subjetividades, modos de existência, numa extensão de *lugares-paragens*, agenciadores de um infinito e variáveis universos, produtores de miscigenações promovidas pelos nomadismos. Rompendo assim, como nos fala Rolnik (apud MAGALHÃES, 1995, p. 4), o equilíbrio dessa nossa figura, onde tremem seus contornos.

> Podemos dizer que a cada vez que isso acontece há uma violência, vivida por nosso corpo em sua forma atual, que nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo – em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. – que venha encarnar o estado inédito que se fez em nós, a diferença que reverbera à espera de um corpo que a traga para o visível. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um desses estados – ou seja, a cada vez que encarnamos uma diferença – nos tornamos outros.

No entanto é por meio dos deslocamentos territoriais, nos "tornando outros", nas desterritorializações e nos trânsitos que a vida acontece, convocando-nos a ocupar novos espaços, conhecer outros contextos, construir diferentes relações, vivenciar o desconhecido – pessoas, lugares, conceitos –, mobilizando-nos a reterritorializações, a experimentar novas perspectivas sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o que acontece nesses atravessamentos.

As desterritorilizações pelas fronteiras rompidas, como ressaltam Derrida e Roudinesco (2004, p. 219) obrigam-nos a um enfrentamento com:

> [...] fronteiras móveis, instáveis e porosas, afetando justamente a forma e a existência dessas próprias fronteiras, a mudança não cessará de se acelerar. Para chegar aonde? Não sei. É preciso saber, é preciso sabê-lo, mas é preciso também saber que sem algum não-saber, nada acontece que mereça o nome de "acontecimento".

Supõe partirmos de uma perspectiva, onde os deslocamentos territoriais revelam essa possibilidade de mudança, de movimento, na qual os sujeitos (re)elaboram, (re)inventam e (re)constroem para si outros mundos a partir destas *des*locações.

Este estudo busca compreender o que acontece com pessoas – jovens adolescentes – que transitam, *esperam*, para voltar a transitar novamente, num devir seres moventes em boa parte da sua vida juvenil. Pertencem a famílias de militares que, transitam por todo Brasil, em regra, ficando por determinados períodos em cidades onde existem instalações militares. Os próprios militares designam como "movimentação".

Os *espaços de trânsitos*, nos provocam a pensar sobre o que é vivenciado e compartilhado nessas itinerâncias, questionando o "mobilizado" a partir desta provisoriedade frente às experiências vividas. Considerando que:

> Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. O não lugares são o lugar da supermodernidade, que remete a termos que descrevem a nova realidade, como trânsito em oposição a domicílio, passageiro diferente de viajante, o vocabulário tece a trama dos hábitos, educa o olhar, informa a paisagem. (AUGÉ, 2012, p. 98–99)

O *não lugar*, para Augé (2012), compreende este espaço, onde se encontram novas e diferentes relações ou *não relações*. Como os próprios *espaços de trânsitos*,

percebidos na situação do viajante, o espaço seria "o arquétipo do não lugar". O termo espaço é abstrato, relacionado à "imagem, liberdade, deslocamento", oposto ao lugar antropológico, que se refere ao lugar de origem, concreto ou simbólico; que se reporta a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico).

Nesse sentido, pensar/problematizar os universos imagéticos/pedagógicos é pensar o indivíduo como uma construção social, como este *Ser* que se (re)faz, se constrói nos cruzamentos dos tempos e espaços por onde transita. Onde subjetividades se deixam contaminar por constantes variações e (re)criações desses universos, ao mesmo tempo que se deslocam por territórios marcados pela hibridação dos mesmos.

Ao, mencionarmos Canclini (1998) e Campos (2012), pensamos a mundialização da cultura, destacando a mobilidade, como já afirmamos anteriormente, como elemento constitutivo da contemporaneidade. Mobilidade de pessoas, de bens, de imagens e de imaginários, onde visualidades são referências estéticas e ideológicas nos diferentes contextos geográficos e sociais, originando, frequentemente, uma espécie de *Ser híbrido*, polimorfo, segundo Canclini (1998), proveniente de diversas mesclas interculturais.

Este *Ser* interage então com processos socioculturais que se misturam formando novas estruturas, decorrentes da cultura global gestada pelo fenômeno de hibridação. Trata-se de um espaço de fronteiras, de multiplicidade, de temporalidades e, também, de representação das diferenças, uma mestiçagem de cruzamentos, trocas, códigos (verbal/visual...), que ultrapassam demarcações, numa dinâmica constante de expansão e transformação. "A mestiçagem pressupõe mobilidade [...] um pensamento mestiço" (LAPLANTINE E NOUSS, 2002, p. 16), pensamento nascido de encontros e desencontros, de movências, onde as diferenças não desaparecem, mas sim são reveladas, pela adição contínua de outros e novos olhares e vozes.

A estética pós-moderna caracteriza-se fundamentalmente por esse ecletismo, por conseguinte não existe espaço para *o* único ou *um* único, mas para múltiplos; antagônicos, metalinguagens, cotidianos, efemeridades. Encontramo-nos então, naturalmente, com múltiplos materiais, lugares, olhares, percepções e opiniões.

Estes lugares, espaços plenos de imagens em torno das quais se reconfiguram subjetividades desterritorializadas, existências singulares e heterogêneas, criam possíveis rotas que vão sendo traçadas em processos cruzados do *aqui e agora*.

Trata-se também de espaços, momentos/tempos de tensões e sensações. Rolnik (1995) fala que são tensões que nos forçam a pensar, a criar e ativar a própria potência de invenção. São efeitos das forças como afetam nossos corpos, a gênese de devir-outro, ou seja, a corporificação no visível, produzindo estranhamentos em *entre* meios, que se estranham mas não se opõem; um espaço estranho para o novo que ali passa, chega, transita, se instala, e... (quase sempre) parte.

Esses estranhamentos e experimentos; correspondem, muitas vezes, a um vazio, a um lugar da falta, mas também a um possível lugar do desejo. Insinua, portanto, um desafio de potência, um tempo que escorre em espaços que se permitem, que gestam novos sentidos. Esse desejo/devir, integra um fluxo permanente, movimento que dissolve, cria e transforma; contamina realidades existentes, produto dos *entres*, do inter, do meio que se move, "pluralidade do ser no seu devir" (LAPLANTINE E NOUSS, 2002).

Nos enfrentamentos dos vazios, da falta, da dialética (ver/ser visto, "o que vemos, o que nos olha" (DIDI-HUBERMAN, 2010) surge uma possibilidade provável de se poder pensar e (re) inventar novos "entre-mundos". Pois quem vê é um *Ser* do movimento, onde

> [...] o espaço deve sempre ser conquistado de novo e a fronteira que separa o espaço próximo do espaço afastado é um limite variável. [...] a distância não é simplesmente a forma espaçotemporal do sentir, é igualmente a forma espaçotemporal do movimento vivo. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 161–162)

A esse respeito Didi-Huberman (2010, p. 77) aponta que "não há que escolher entre o que vemos e o que nos olha. Há apenas que se inquietar com o *entre*. Há apenas que tentar dialetizar". O *entre* como passagem, transitório, uma via móvel, que pode deslocar, que se abre em múltiplas possibilidades as quais produzem mudanças na cartografia.

Esta consciência do *entre* leva-nos a problematizar, (re)conhecer territórios, ver na desterritorialização novos mundos, espaços, lugares e *não lugares* rompendo,

cruzando delimitações traçadas, orientadas, na busca exploratória dos universos imagéticos ao mesmo tempo transitáveis e transitórios; condição de potência poética, de devir, por via de olhares estrangeiros.

Um olhar aberto, expandido que possa nos movimentos *rizomáticos-ciliares* transitar como um *híbrido-poroso*. Visto que todos os territórios vivem a *espera* de um modo transitório. E é precisamente nestas transições, nesses *entre-deux* (DI MÉO, 1998), que definem, tomam forma, de maneira imprevista, inesperada, novas leituras do espaço e das suas potencialidades, novas relações com o tempo. Vidal e Musset (2011) designam os *territórios da espera* especificamente como os espaços destinados voluntariamente ou servindo involuntariamente a pôr em espera populações ou pessoas deslocadas ou em deslocamento.

Na perspectiva de Vidal e Musset (2011) os *territórios da espera* diferenciam-se dos *não lugares*, definidos por Marc Augé (2012), como espaços incapazes de criar "nem identidade singular, nem relação, mas solidão e semelhança". Nos *territórios da espera* ainda que num sentimento de incerteza, identidades podem, no entanto, tomar forma. Estas não apagam necessariamente as identidades anteriores, elas são, ao contrário, um recurso do qual os indivíduos se apoderam em função das suas necessidades, e das estratégias sociais que definem para fazer face a este tempo incerto. Trata-se, assim, dos partilhamentos que nascem num lugar da *espera*, por indivíduos que são vinculados por uma comunidade de destino.

Estes territórios (des)locados como resultados dessas pausas marcam as trajetórias que se constroem a partir das práticas da *espera* e se apropriam de maneira temporária dos espaços intersticiais. A intersecção acontece entre o futuro/destino e um passado/deixado sobre um *entre* espacial, vividos *entre* lugares de partida, de chegada, num tempo de incerteza, em uma situação de passagem e em um momento passageiro. À espreita do acontecido, do acontecimento esperado, exposto no espaço, movido por esses universos orbitantes que podem caracterizar uma instituição de ensino militar, os alunos passageiros-itinerantes, *nômades descobridores.*

Como configura Deleuze e Guattari (1997, p. 53) o nômade tem um território […]. A vida do nômade é *intermezzo*. Até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los.

> O nômade não é de modo algum o migrante, pois o migrante vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado. Mas o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto. (DELEUZE; GUATTARI,1997, p. 53–54)

O *trajeto nômade* (DELEUZE; GUATTARI, 1997), como um *espaço aberto**,** marcado por "traços" que se apagam e se deslocam com o trajeto***,** refere-se ao espaço como um "lugar praticado" na perspectiva de Augé (2012), "[...] um cruzamento de forças motrizes": são os passantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar.

Nos *territórios da espera* e nos *não lugares* habitam múltiplas dimensões. A experiência da *espera* é corporal, se experimenta através do corpo; de experiências sociais inesperadas, de outras percepções do tempo pela apreciação da sua duração, é o tempo vivido, de acordo com as situações. O tempo de *espera* permite agir sobre o presente e projetar o futuro; um momento da temporalidade, que pode ser de aculturação, mas também de reinvenção.

Nesse sentido, pensar, falar do transitório, do provisório, de movências, percursos; é falar de afetos, encontros de experiências vivas e vividas, de textos e de contextos rizomáticos (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que se entrecruzaram e ainda se podem entrecruzar. Trata-se então de pensar um espaço de "invenção"/"intenção", de falar de criações e experimentações, rompendo com noções engessadas de identidade, de pertencimento e de origem, deslocando-as, aportando-as para um *não lugar*, para um *território da espera*, ou para um possível interstício ou espaço ainda não nomeável.

Recorremos às *linguagens-viagens* como meio pelo qual se pode transformar e transportar uma experiência em forma simbólica de criação. Estas também poderão significar reconhecimentos, percepções que o mundo apresenta; constituindo um lugar/espaço de materialização de subjetividades. Assim, as narrativas (orais, visuais e escritas) o *que* e *sobre que* se conta, dá voz e visibilidade, revelam novos e/ou

diferentes discursos e realidades. A este respeito Larrosa aconselha-nos que (2014, p. 112):

> [...] É a isso que temos de ser fiéis no modo como o dizemos, o nomeamos, o representamos ou, em geral, o significamos. Trata-se, então, de problematizar o modo como colocamos juntas as palavras e as coisas, a linguagem e o mundo, o inteligível e o sensível, o sentido e a experiência.

Na experiência, o real se apresenta em sua singularidade, não apresenta distinção entre o sensível e o inteligível, o real é um acontecimento/experiência, e ao mesmo tempo o "sujeito da experiência", aberto e atento que se deixa afetar por acontecimentos (de saber, sabedoria e sabor); geram movimen*tações*, espaços criadores como possibilidade de explorar os campos do sensível, da imaginação e da intuição. O acontecimento torna-se espaço, de construções, conexões, concebendo as linguagens como mais um lugar dos processos de singularização e criação.

> Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular, eventum tantum...; ou antes que não tem outro presente senão o do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que convém chamar de contra-efetuação. (DELEUZE apud ZOURABICHVILI, 2004, p. 6)

Na busca de "novas/rotas educacionais possíveis" pensamos uma educação que *aconteça*, tenha efeito, muito afeto, e que nos afete. Uma linguagem e experiências mestiças em forma simbólica de criação revelando novos e/ou diferentes discursos e realidades. Agenciando outras histórias, modos de ver e perceber o mundo, consideramos as experiências, para redescobrir espaços/potência da linguagem e do pensamento, num processo de subjetivação, que mobilizam um experimentar *plurivocal*.

Ao apontar a experiência*(Erfahrung)* e a vivência(*Erlebnis)*, Benjamin (1987), associa um valor moral e histórico. Segundo o autor, a experiência (*Erfahrung)* é

resultado de um processo do indivíduo em ritos, gestos e ações compartilhadas. Para Benjamin, o homem contemporâneo foi perdendo sua capacidade de transmitir, de intercambiar experiências; sendo que a experiência é a que nos transforma no que somos.

A própria palavra experiência (LAROSSA, 2014), tem o *ex* de *ex*terior, de *es*trangeiro, de *es*tranho, de *ex*istência. Esse intercâmbio, esse olhar, ouvir estrangeiro, nos convida à traduzir, interpretar, novos modos, com diferentes maneiras de falar, de diferentes relações com o mundo, com nossos "eus" e com nossos outros tantos parceiros de jornadas.

Concordamos com Larossa (2014, p. 65–67), quando diz:

> O que necessitamos talvez não seja uma língua que nos permita objetivar o mundo, uma lingua que nos dê a verdade de que são as coisas, e sim uma língua que nos permita viver no mundo, fazer a experiência do mundo, e elaborar com outros o sentido [...] do que nos acontece. [...] Uma linguagem que trate de enunciar a experiência da realidade, a sua e a minha, a de cada um, a de qualquer um, essa experiência que é sempre singular, e portanto, confusa, paradoxal, não identificável.

Desta forma, conceber *passe livre* às experiências vividas, é poder transitar por *"lugares-mundos"* até então não conhecidos, desconhecidos ou a serem descobertos, nos percursos em tempos e espaços, assim cruzados, *entre* professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, professor-professor.

Vivências e experiências nos levam(ram) a pensar nas "partidas" e "partilhas", nessas idas e vindas, *espaços de trânsitos*, *territórios da espera*, universos imagéticos movimentados e construídos, degustados, por vezes descartados, outras vezes *postados*.

Também na *espera*, se pode estar "à espreita", mas de um encontro com a multiplicidade. Na *espera* podemos igualmente buscar fluxos, movimentos, produções, estímulos para diferença; pois entendendo as experiências imagéticas, os universos visuais como "guardados itinerantes", preciosidades que carregamos na "*malagem*" da nossa vida/viagem, pode possibilitar abrir brechas, linhas de fuga (DELEUZE,1997), e propor *paragens* alternativas e novas existências se assim soubermos olhar.

> O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do 'dom visual' para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto, uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Entre aquele que olha e aquilo que é olhado". (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 77)

Para Huberman há um inquietamento com e no *entre* [...] um espaçamento tramado do olhante e do olhado, do olhante pelo olhado; cujo espinhoso e polimorfo valor de uso Walter Benjamin nos legou: a *aura* que Didi-Huberman (2010, p. 147) define como "Uma trama singular de espaço e de tempo".

Trata-se de nos movimentarmos a experimentar, a possibilitar um espaço, um *entre* outros, entre o tempo, entre as pessoas, mais um *espaço da espera*, um entre tantos momentos de vivenciar, de acontecer, de propor e provar. Com Larossa (2014) provar é experiênciar (*experiri*), um encontro ou uma relação com algo que se experimenta; uma travessia, uma passagem, é o que nos acontece, um território de passagem.

Também os *territórios da espera*, podem ser lugares de memória, e ao mesmo tempo permitem-nos subjetivizar com aquilo que fazemos deles; então pode-se dizer que eles nos fazem e são também aquilo que nós somos. Tal associação refere-se a memória imaterial do corpo à qual se refere Rolnik (1997); memória não física e emocional da sensação, distinta, embora indissociável, da memória da percepção das formas, e dos fatos, acompanhada de suas respectivas representações. Para esta autora "O que se coloca para as subjetividades hoje não é a defesa de identidades locais contra identidades globais, nem tampouco da identidade em geral contra a pulverização" mas encontrar formas que permitem "dar lugar aos processos de singularização, de criação existencial, movidos pelo vento dos acontecimentos" (ROLNIK, 1997, p.3–4).

Na verdade, o *ser* que se constitui das experiências da *espera*, do lugar e dos estranhamentos da *espera*, que chega neste território nunca será o mesmo que ali aportou e que dali irá partir.

Pois estamos o que somos porque nos movemos, itinerantes, de lugares, de conceitos, de ideias, somos produtores de estranhamentos que nos empoderam em

relação ao novo, ao diferente, à experiência, à desterritorializações. Marcas que levamos e potencializamos nos percursos, como fala Rolnik (1997) são estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir da composição que estamos vivendo. Cada um desses estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir [...]. Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes em que encontra ressonância, ela é expressão das forças atuantes sobre o nosso *ser-corpo*.

Dentro deste contexto, a Cultura Visual propõe pensarmos a vida contemporânea, a visualidade, a potência das imagens, o estranhamento, como tensão criadora, na constituição das formas de saber, conhecer, viver, sentir e formular "realidades", a partir das diferentes produções imagéticas, ao estabelecermos relações com o cotidiano, a arte, a vida e experiência cultural e estética. Nos apropriando do pensar com e sobre as imagens, deslocando conceitos, promovendo desterritorializações, estimulando questionamentos sobre nossos pensares e saberes, consideramos que este campo transdisciplinar seria o mais adequado à nossa problemática de pesquisa.

Munidos de novas posições de sujeito, objeto, contexto e imagem, compreendendo e apreendendo que na experiência de "ver" e "ser" visto (MARTINS e TOURINHO, 2015), transitamos por lugares de conhecimento e questionamentos, estes envolvem e abordam novas formas relacionais de enfocar os eventos visuais. Fazendo uso de uma caixa de ferramentas conceituais, que segundo Hernandez (apud MARTINS; TOURINHO, 2015), nos permite pensar e explorar a relação entre as representações visuais e a construção de posições subjetivas

> A interpretação de objetos e imagens é uma prática que mobiliza a memória visual e reúne sentidos da memória social construída pelos indivíduos e pelas suas comunidades. Memória não como algo passivo, mas que se desloca, indo e vindo em múltiplas direções, constituindo lugares e trânsitos em territórios inimagináveis. (MARTINS; TOURINHO, 2015, p. 140)

O olho vibrátil (ROLNIK, 2006), aqui se dilata para as experiências vividas, idas e vindas de alunos/adolescentes em *espaços de trânsitos*, *territórios da espera*, são alunos do Colégio Militar de Santa Maria (CMSM), integrantes do Sistema Colégio

Militar do Brasil (SCMB). Trata-se de estarmos atentos a esses percursos dos fluxos, às obras do cotidiano vivido, aos espaços, itinerâncias, desterritorializações e reverberações decorrentes destes trajetos, labirintos, pontes, afetos-secretos narrados, percorrendo memórias, rompendo fronteiras para compreendermos o que acontece nos *entres* das *coisas vividas*.

A experiência é considerada nesta pesquisa como uma possibilidade de imaginação, conhecimento e vivência, fazendo com que o espaço onde acontece seja lugar/*logos* para construções e conexões. Isto passa por conceber as diferentes linguagens que podem emergir da experiência, como uma mistura dos falares e saberes, uma heterologia do saber (BARTHES, 2012).

As itinerâncias, passagens, movências, desencadeiam inquietações, constroem conceitos, atribuem sentido, ampliam idéias compartilhadas nas relações, que representam possibilidades, ao mesmo tempo que ampliam seus espaços vivenciais, suas experiências vividas.

De quantas experiências é feita a nossa vida? De quantas decisões norteadas pelas experiências são feitas nossas escolhas? O que nos podem dizer os universos visuais dos nossos jovens adolescentes?

Consideramos nesta pesquisa um universo de significados e símbolos trazidos nos cursos-percursos, deslocamentos-encontros-trânsitos. Nosso objetivo não é o de simplesmente caraterizar passivamente, mas antes o de compreender como essas mobilidades podem ser ressignificadas. Nessa experiência os deslocamentos que são oportunizados pelos tempos e espaços de trânsitos, no qual fluxos são pontuados, movências-vidas são constituídas, são fulcrais.

Em nossa pesquisa nos propomos problematizar/pensar sobre estes deslocamentos territoriais dos estudantes e seus processos de subjetivização, tendo como referência os universos visuais/pedagógicos, que nos permitem pensar/traçar um possível caminho ou um *entre-lugar*, um *território da espera*, ou um interstício, de momento ainda não nomeável, mas que este estudo poderá vir a encontrar.

Notas

[1] Evento visual: toda a situação de observação tal como ocorre na interação entre o observador, o fenômeno visual, o contexto de observação e o ato de olhar propriamente dito. Eventos visuais são sempre situados geográfica, histórica, social e culturalmente, implicando certa interação ou posicionamento entre o observador, o fenômeno observado, o contexto e o olhar (ILLERIS; ARVEDSEN, 2012).

Referências

AUGÉ, Marc. *Não Lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus Editora, 2012.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.2012.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política***:** Ensaios sobre literatura e história da cultura*.* 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

CAMPOS, Ricardo. A cultura e o olhar antropológico.*Visualidades*.Goiânia v.10 n1 p.17-37, 2012.

CANCLINI,Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

_____. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia.Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v. 5.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth.*De que amanhã*:diálogo.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

DI MÉO,Guy. *Géographiesociale et territoires*, Paris, Nathan, 1998. In *Confins (Online)*, 13/2011. Disponível em:<http://www.confins.revues.org/7274>. Acesso em: 28 nov. 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O vemos, o que nos olha*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

ILLERIS, Helene; ARVEDSEN, Karsten. Fenômenos e eventos visuais: algumas reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Cultura das imagens*:desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.

LAPLANTINE, François ;NOUSS, Alexis*. A Mestiçagem*. Trad. Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Piaget, 2002.

LARROSA, Jorge Larrosa. *Tremores*: escritos sobre experiência.1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual*.Santa Maria: Editora UFSM, 2015.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROLNIK, Suely.Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In LINS, Daniel (Org.).*Cultura e subjetividade.Saberes Nômades*.São Paulo: Papirus,1997.

ROLNIK, Suely. À sombra da cidade: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*.São Paulo, Escuta, 1995.

VIDAL, Laurent; MUSSET, Alain; VIDAL, Dominique. Sociedades, mobilidades, deslocamentos:os territórios da espera.O caso dos mundos americanos (de ontem e de hoje).*Confins (Online)*, 13/2011. Disponível em:<http://www.confins.revues.org/7274>. Acesso em: 28 nov. 2015.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*.Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: Ifch-unicampcienti.ifch@gmail.com. Traduçao: André Telles. Rio de Janeiro, 2004. Acesso em: 12 mar. 2016.

Simone Marostega
Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Linha de Pesquisa em Educação e Artes e doutoranda no mesmo programa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação do Pr. Dr. Leonardo Charréu. Membro do GEPAEC (Grupo de Estudo e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura) da UFSM. Leciona Artes Visuais (Ensino Fundamental e Médio) no Colégio Militar de Santa Maria.

Leonardo Charréu
Doutor em Belas Artes pela Universidade de Barcelona, Espanha e em Ciências da Educação pela Universidade de Évora, Portugal. Leciona na graduação no Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes e Letras e na pós-graduação em Educação, linha de pesquisa Educação e Artes, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Brasil. Membro efetivo e vice-líder do GEPAEC (Grupo de Estudo e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura) da UFSM. Pesquisa sobre Arte e Cultura Visual, Arte e Cognição, Metodologias de Pesquisa baseadas nas Artes, entre outras áreas.